

Isabel Alarcão
Maria do Céu Roldão

O Conselho Editorial de *Investigar em Educação* decidiu organizar o número 5 em torno do tema: **A organização do trabalho na escola**. Numa época em que se questiona a escola, no seu formato, e os professores e os alunos, no modo como trabalham, pareceu interessante eleger este tema como núcleo organizador desta publicação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pois olhares diferenciados, provenientes dos vários domínios que constituem esta área do saber, podem ajudar a situar e a compreender o campo em análise: o modo como se concebe e organiza o trabalho na escola.

A problemática da organização do trabalho na escola apresenta-se de grande complexidade pelas redes e sistemas que lhe estão associados. Fundamentalmente centrado nas actividades de **ensinar** e de **aprender**, contextualizado no currículo vigente e nas orientações político-filosóficas que o enformam, o trabalho escolar entrelaça-se com outros componentes do sistema educativo (administração, gestão, formação) e os vários níveis de ensino, mas também com outras comunidades exteriores à escola e com outros espaços educativos.

Na complexidade da problemática, elegeram-se quatro dimensões a abordar neste número: curricular, pedagógico-didáctica, organizacional e de gestão, sócio-profissional. Na **dimensão curricular**, considera-se importante, entre outros aspectos, compreender quem são os actores e decisores relativamente ao currículo; quais as sedes de poder e como interagem; quais os dispositivos de gestão curricular; qual o impacto das mudanças de currículo na organização do trabalho.

O modo como se organiza o trabalho dos alunos e dos professores, como se gerem recursos, espaços e tempos, como funcionam os dispositivos de organização e regulação do trabalho, os instrumentos conceptuais que presidem à organização da prática docente, as instâncias de supervisão e formação que lhe estão associadas são tópicos que a **dimensão pedagógico-didáctica** não deve ignorar.

Mas o trabalho na escola requer mecanismos de gestão. Importa perceber a que nível e com que modelos funciona a gestão; como opera - se opera - a gestão estratégica; como actuam as micropolíticas e que influência exercem; quem são os actores na organização e gestão da escola e qual o papel da supervisão no desenvolvimento profissional e institucional. Neste caso estamos perante a dimensão **organizacional e de gestão**.

Não podemos contudo ignorar a dimensão sócio-profissional, analisar as relações de trabalho, o controlo interno do exercício profissional, as culturas e subculturas que se criam na escola, as tensões entre “profissionalismo” e “funcionarismo”. Na lógica de que o estudante também tem um “ofício”, utilizando aqui a expressão de Philippe Perrenoud, importa, para perceber a organização do trabalho na escola e não apenas o trabalho docente, escrutinar o que fazem e como se organizam os estudantes na sua actividade de aprender.

Foi na forte convicção de que o trabalho de ensinar e o trabalho de aprender estão intimamente imbricados que se enunciou a temática deste número e se localizou o trabalho **na** escola, tomada como o centro de uma actividade que tem uma intencionalidade própria (ensinar e aprender) e gera interactividades múltiplas, não obstante completar-se e articular-se com o que está para além da escola.

Poderemos dizer que este número se organiza em três secções. Uma primeira é constituída por um **artigo de revisão** da investigação portuguesa produzida sobre o tema. A segunda reúne quatro artigos seleccionados de um conjunto de propostas de relatos **de investigações recentes ou ainda em curso** submetidos para revisão crítica por especialistas, na sequência de um convite à publicação e na lógica da introdução de uma prática de incentivo à visibilidade do trabalho de investigadores júniores. A terceira apresenta um **artigo convidado**, de um especialista estrangeiro, catalizador de tendências no mesmo campo temático.

Assim, com o objectivo de produzir uma revisão crítica e problematizadora da investigação sobre o tema, realizada em Portugal, na década compreendida entre 1996 e 2005, **Maria do Céu Roldão**,

António Neto-Mendes, Jorge Adelino Costa e Luisa Alonso analisam diferentes estudos em função de um *zoom* que, focando nas dimensões político-organizacionais, curriculares e pedagógico-didácticas, pretende trazer à luz das evidências o modo como se organiza o trabalho docente e as razões que subjazem a essas modalidades. Situando a investigação no quadro político-normativo relativo ao período seleccionado para a presente revisão dos estudos (caracterizado pelo discurso e decisões sobre a autonomia das escolas, a valorização dos seus projectos educativos, a distribuição de competências, os processos de auto-avaliação e avaliação externa, a diversificação da oferta educativa, a flexibilização curricular, a valorização da formação contínua de professores), os autores identificam as temáticas e metodologias investigativas predominantes, sintetizam os principais contributos do conhecimento produzido e discutem tensões paradigmáticas e tendências de desenvolvimento no interior do campo de estudo abordado. Como os próprios autores afirmam: "O olhar que se procura passar aos leitores é assim holístico e interpretativo de uma complexidade que se reconhece como ponto de partida e de chegada". A composição da equipa, com interesses investigativos complementares, favoreceu essa abordagem holística, apenas prejudicada pelas dificuldades com que, em Portugal, os investigadores ainda se defrontam no acesso às fontes. Nas conclusões, os autores ressaltam a pouca investigação sobre aspectos concretos da organização do trabalho docente em detrimento de análises de natureza psicológica, sociológica e organizacional e advogam a realização de estudos que dêem visibilidade às práticas docentes, seus enquadramentos e seus impactos educativos.

Na secção de **artigos baseados em relatos de investigações recentes ou ainda em curso**, um (Correia e Alves) centra-se na dimensão organizacional, um segundo (Quintas) na dimensão curricular, outro (Macedo) articula as dimensões curricular e organizacional e, finalmente, o quarto (Baptista e Freire) integra as dimensões curricular e pedagógico-didáctica. **Serafim Correia e Maria Palmira Alves** apresentam resultados de uma investigação que visa compreender e problematizar as práticas de auto-avaliação nas escolas públicas da região

do norte do país, no âmbito da crescente importância atribuída às escolas e conclui pela incapacidade de as escolas conceptualizarem a auto-avaliação como um processo colectivo que articule o discurso e as práticas avaliativas e formativas. **Helena Quintas** analisa as práticas de planificação e gestão participada do currículo nos Cursos de "Educação e Formação de Adultos" destinados a maiores de 18 anos que não possuem escolaridade básica nem qualificação profissional, um tema pertinente pela sua relevância no âmbito da iniciativa "Novas Oportunidades", e porque, no panorama educativo nacional, não tem havido uma preocupação séria em criar programas educativos adaptados a este público escapando ao risco de adoptarem formatos demasiado escolarizados. A autora, após constatar a capacidade de os intervenientes no curso analisado desenvolverem currículos adequados às necessidades de formação, conclui pela necessidade de criação de "dispositivos de gestão curricular que garantam uma efectiva participação dos actores (formadores e formandos) em todos os níveis de decisão curricular". **Eunice Macedo** aborda também uma problemática pouco investigada. Toma como foco da sua investigação o papel do "método" numa escola particular marcada por uma forte intencionalidade educativa e argumenta que "através do método, entre outros instrumentos de constrangimento, se procura situar estes jovens num posto de observação do poder, em que se exacerba o valor do consumo e se legitima um protagonismo individual, suportado por uma forte competitividade", limitador dos "possíveis (des)equilíbrios entre sistemas de socialização". Por fim, **Mónica Baptista** e **Ana Freire** relatam uma investigação realizada em aulas de Ciências Físico-Químicas, no 8º ano de escolaridade, que visa estudar as mudanças ocorridas nas percepções dos alunos, relativas às aulas e à avaliação, em função de práticas de investigação realizadas pelos próprios, numa abordagem construtivista da aprendizagem e na lógica do preconizado no Currículo Nacional. Sem poder generalizar-se, visto tratar-se de um grupo limitado de alunos, as conclusões apresentadas vão no sentido positivo.

Este conjunto de quatro artigos tornou possível visibilizar investigação sobre a organização do trabalho na escola em contextos bastante

diferenciados, que vão desde a escola básica a cursos de educação de adultos, da escola pública regular a uma escola privada com um projecto muito específico.

Se os textos até aqui apresentados se focalizam em contextos de educação básica ou secundária, o texto de Saeed Paivandi tem como objecto de estudo uma sistematização crítica das investigações realizadas sobre o estudante do ensino superior. Visto sob uma perspectiva da sociologia do estudante, um domínio que se vem desenvolvendo desde os anos 60 do século XX, Saeed Paivandi aborda questões como a diversidade de formações superiores, a massificação do ensino, o acesso ao ensino superior, a inserção na sua cultura, o sucesso académico, as práticas de estudo e a relação com os estudos. O artigo traz um enriquecimento à problemática em análise, não só por alargar o seu âmbito ao ensino superior, mas também porque, concebido e organizado por um estrangeiro, permite um olhar sobre outras realidades e a percepção de regularidades nas culturas dos estudantes destes níveis de ensino.

Ao concluirmos a tarefa de organizar um número temática da Revista *Investigar em Educação* sobre **A organização do trabalho na escola**, reafirmamos a pertinência de, sobre ele, termos chamado a atenção. Reconhecemos a amplitude do tema, a dispersão de estudos com ele relacionados, a quase inexistente sistematização da produção científica, a prevalência de interesses pelas questões organizativo-gestionárias e a premência de se conhecer melhor como se organiza, na prática real (e não apenas na dimensão discursiva projectiva) o trabalho de ensinar e de aprender na escola como instituição responsável pela realização, contextualizada, de um currículo de formação historicamente determinado pelos saberes científicos e pelos valores sócio-culturais.